

PEDRO ABELARDO E O DIÁLOGO ENTRE CULTURAS: UM DESAFIO FILOSÓFICO MEDIEVAL. Uma abordagem da obra *Diálogo entre um filósofo, um judeu e um cristão*.¹

Jorge Luis Gutiérrez

Doutor e Mestre em lógica e filosofia da Ciência (Unicamp)
Professor da Universidade Mackenzie.
Professor da Faculdade de Filosofia São Bento

"Estava eu olhando desde o profundo de um sonho quando, eis que três homens que avançavam por diferentes caminhos se apresentaram ante mim. Ainda em sonhos, perguntei-lhes imediatamente a que credo pertenciam e por que tinham ido a mim."
(Pedro Abelardo)

Pretendo na participação nesta mesa, e nos vinte minutos que me foram atribuídos, trazer um dos textos mais interessantes do período medieval. O Diálogo entre um filósofo, um judeu e um cristão, escrito pelo filósofo Pedro Abelardo (1079-1042 d.C.). Centraremos nossa atenção no prefácio dessa obra, e assim, analisar alguns aspectos do diálogo que nos possam ajudar a refletir sobre o problema proposto: o diálogo entre as culturas como um antigo problema filosófico, e neste caso, como um problema abordado por um autor da alta Idade Média.

Primeiramente algumas breves palavras sobre o autor da obra. Pedro Aberdo nasceu em Falais, França, em 1079. Foi professor de teologia e

¹ Este artigo foi a minha participação na mesa sobre o "Ensino de Filosofia" no **I Congresso Nacional das Licenciaturas**, na Universidade Mackenzie em setembro de 2007. E será publicado origina com o título "*Pedro Abelardo e o diálogo entre culturas: um desafio filosófico medieval*", na obra: **Coleção Licenciaturas em Debate: Ciência, Ensino e Aprendizagem**. Editora Plêiade, São Paulo, 2009, que será lançado no **II Congresso Nacional das Licenciaturas** em outubro de 2009.

filosofia em Paris. Foi um dos maiores diáleticos do período medieval. Após sua relação amorosa com sua aluna Heloísa abandona sua vida de professor em Paris e entra para a igreja como monje. Abelardo foi autor de uma obra vasta e variada. Escreveu sobre dialética, ética, lógica. Muito conhecido é seu método dialético exposto em seu livro *sic et non* e a doutrina ética da intencionalidade como critério para julgar a moralidade de uma determinada ação. Morreu em 1142.

Em sua obra *Lógica Ingredientibus*,² Pedro Abelardo (data) lembra que Boécio não denomina qualquer ciência filosofia, mas somente aquela que consiste no estudo das coisas mais elevadas (nota). Nessa afirmação de Abelardo é clara a influência que Aristóteles exerceu sobre ele, pois esta frase lembra muito os primeiros parágrafos da *Metafísica*. Na *Lógica Ingredientibus* Abelardo também faz outra afirmação, que se tornou uma das frases mais conhecidas dele: “De fato não damos o nome de filósofos a quaisquer estudiosos, mas apenas aos sábios cuja inteligência se aprofunda na consideração das questões mais sutis.” E uma das questões que Abelardo tratou com mais sutileza e grandeza no fim da sua vida foi sobre o diálogo entre culturas. Nessa época escreveu o livro “Diálogo entre um filósofo, um judeu e um cristão” (*Dialogus inter Philosophum, Judaeum et Christianum*). Abelardo faz dialogar as culturas reunindo três pessoas (um filósofo, um judeu e um cristão), mas ele que é o juiz. Este é o motivo central do livro. Cultura e religião eram elementos profundamente interligados. Assim o Diálogo adquire também um sentido de diálogo intercultural e inter-religioso.

Sobre o transfundo histórico da obra podemos dizer que foi escrita por volta do ano 1141, imediatamente após o Sínodo de Sens (1140). Neste Sínodo foram condenadas várias teses de Abelardo. Foi condenado a permanecer enclaustrado num Monastério, proibido de escrever. Porém seu

² Esta obra foi publicada em português sob o título de “Lógica para Principiantes (Coleção os pensadores VII, Anselmo e Abelardo. São Paulo: abril, 1973)

amigo Pedro O venerável, abade de Cluny, o acolheu e o motivou a seguir escrevendo, conseguindo a suspensão da sentença. Porém a morte de Abelardo estava perto. Assim o Diálogo foi a última obra de Abelardo e foi escrita um pouco antes de sua morte acontecida em 1142. A obra ficou inacabada.

O Diálogo começa com um prefácio, no qual Abelardo começa explicando o “enredo” da obra. Ela é uma obra de “ficção”. É um sonho que teve o autor. Assim o relata Abelardo no primeiro parágrafo do prefácio:

Estava eu olhando desde o profundo de um sonho quando, eis que três homens que avançavam por diferentes caminhos se apresentaram ante mim. Ainda em sonhos, perguntei-lhes imediatamente a que credo pertenciam e por que tinham ido a mim.

Abelardo cria uma ficção literária. Num sonho ele vê três homens que se aproxima a ele. Quem são estes homens? Vejamos a continuação do relato:

Disseram: somos homens pertencentes a diferentes credos religiosos e ainda que todos nos declaramos por igual adoradores de um Deus único que lhe servimos, não obstante, com uma fé e umas formas de vidas diferentes. Efetivamente uno de nós é um gentil desses que chamam filósofos e que se conformam com a lei natural. Os outros dois possuem escrituras, sendo judeu o um e cristão o outro.

O que estes homens querem? Querem que Abelardo seja o juiz para as controvérsias e discussões que eles têm. Vejamos:

Tendo mantido entre nós longas discussões e controvérsias a respeito de nossos diferentes credos religiosos, acordamos, finalmente submeter-nos a teu juízo.

Abelardo pergunta a eles de quem tinha sido a ideia e quem os conduziu até ele e especificamente por que o tinham escolhido. O filósofo responde:

Foi por iniciativa minha pelo que este assunto tomou seu curso pois é tarefa própria dos filósofos a de procurar a verdade mediante o raciocínio e seguir em todas as questões não a opinião dos homens, senão a guia da razão. Por isso, depois de assistir por certo tempo e com afã a nossas escolas e tendo-me instruído não só em seus métodos racionais senão também em suas autoridades; dirigi-me finalmente à filosofia moral, que é o objetivo final das restantes disciplinas e com respeito à qual estas não são senão saborosas primícias.

Podemos inferir que é Abelardo quem fala por boca do “filósofo” personagem de seu diálogo e podemos perguntar quem é este filósofo, isto é, que características ele tem. Na introdução à tradução para o espanhol do Diálogo há uma citação de R. Thomas [Abelardo, p. 69], na qual ele se expressa ele diz que “o filósofo que dialoga não é um pagão típico, mas é um pagão *atualizado*: um pensador da área muçulmana educado na cultura árabe porém emancipado do Islã mediante o exercício autônomo da reflexão filosófica”. Sabemos que é árabe islamita porque no transcurso do diálogo o judeu se refere a ele como sendo de uma comunidade, que não sendo judia, segue as práticas da circuncisão por sua origem abrahâmico ismaelita. O judeu acrescenta que na comunidade do filósofo se circuncida aos meninos aos doze anos. Este é mais um argumento para localizar o filósofo dentro do mundo do Islã.

No diálogo o filósofo acrescenta após ter aprendido na Filosofia Moral “tudo quanto pude a respeito do bem e do mal supremo e a respeito das coisas que fazem a um homem feliz ou azarado examinei de imediato atenciosamente os credos das diferentes religiões em torno meu, nas quais está agora o mundo dividido.” [Abelardo, p. 84]. O filósofo afirma que está a procura do credo que esteja em maior harmonia com a razão, para poder segui-lo, pois já tinha estudado todos e comparados todos entre si.

Logo o filósofo, nas palavras do próprio Abelardo, derrama o azeite da adulação sobre sua cabeça. O filósofo fala para Abelardo, sobre as razões pelas que o tinham escolhido como juiz da controvérsia:

Sendo notório que sobressais em grau sumo pela agudeza de teu intelecto e por teus vastos conhecimentos em ambas as escrituras; nessa mesma medida serás, evidentemente, capaz de resolver neste juízo apoiando ou defendendo, dando razão de nossas respectivas discrepâncias. Consta, efetivamente, qual subtil é teu talento e qual abundante o tesouro de tua memória em sentenças filosóficas e divinas, superando os estudos habituais em vossas escolas. Consta assim mesmo que brilhaste em ambas as doutrinas mais do que teus próprios maestros e inclusive acima de quem escreveram acrescentando os diferentes saberes. Uma prova evidente disso nos a outorga essa obra admirável de teologia, à que a inveja não pôde suportar nem também não conseguiu destruir, senão que mais bem engrandeceu ao prosseguir-la. [Abelardo p. 85]

Abelardo coloca nas palavras do filósofo um autoelogio da sua obra. Mas, como muitos estudos assinalam, o mais provável que Abelardo somente esteja defendendo a ortodoxia de seus escritos, alguns deles atacados e condenados no sínodo de Sens.

Porém Abelardo responde aos elogios do filósofo, com humildade:

Eu não solicito a graça dessa honra que me reservastes, pois, em ausência de homens doutos, tomastes por juiz a um néscio. Ao igual que vocês estou, efetivamente, acostumado a vãs disputas deste mundo e não é meu propósito escutar com a severidade do juiz em coisas que eu costumava tratar por puro deleite. No entanto, tu, filósofo, que não professas lei alguma e unicamente te submetes à razão não sobrevalorizes a superioridade que parece assistir-te nesta contenda. (...) Pois, como lembra um dos vossos, não há doutrina, por falsa que seja, que não leve misturadas algumas verdades. E creio que por muito frívola que seja uma disputa conterà algum argumento instrutivo. [Abelardo p. 85]

O prefácio conclui afirmando que os três (o filósofo, o judeu e o cristão) assentiram e se congratularam por Abelardo ter consentido ser o juiz entre eles.

Sobre o contexto histórico filosófico-cultural em que foi escrito o Diálogo podemos dizer o seguinte. Na época de Abelardo existe na Europa uma corrente que poderíamos chamar de “pensamento autônomo”. Sobre esta corrente de pensamento na Introdução a tradução para o espanhol, novamente encontramos informação importante:

Na Espanha muçulmana existia uma corrente filosófica que mantinha distâncias com respeito ao Corão e via as religiões como doutrinas filosófico-morais das que um pensamento filosófico sólido e autônomo podia prescindir. Exponente valioso desse ponto de vista, próximo do deísmo dos ilustrados do século XVIII, era o filósofo zaragozano Ibn Bayya (Avempace),

contemporâneo de Abelardo e autor do *Regime do solitário*. Os solitários são homens perfeitos, cujas inteligências confluem na verdade universal do «intelecto agente» aristotélico substantivado e convertido numa espécie de precedente do «Espírito» hegeliano. A tendência para a autonomia do pensamento se acentua em Ibn Tyfail, de Guadix, que tinha 40 anos quando Abelardo escreveu seu Diálogo. É provável que aquele tivesse escrito já para essas datas sua *Hayy ibn Yaqzam*, traduzida posteriormente ao latim com o título de *Philosophus Autodidacius*. A Filosofia se mostra ali como superior à Religião porque é capaz de dar conta racional desta. [Abelardo p. 70]

Para os autores da Introdução da edição espanhola do Diálogo o pensamento autônomo teria culminado com o pensamento do filósofo cordovés Averróis (1126-1198), grande comentador de Aristóteles e incansável defensor da filosofia. Uma das obras mais significativas de Averróis foi a *Destruição da Destruição*. Que foi escrita contra a obra de Al Gazali *A Destruição dos Filósofos*. É contra esta obra que Averróis defende o pensamento autônomo.

Para o professor Cesar Raña Dafonte, da Universidade de Santiago de Compostela, o Diálogo nos coloca frente a uma nova concepção medieval da razão, diferente daquela da primeira Idade Média. Agora a razão é guia, é uma faculdade para chegar à verdade. Por este motivo, de acordo com o professor Raña, o filósofo se mostra confiante nos métodos racionais. Mas no Diálogo a razão não é tudo, há temas que a transcendem. Assim, a fé não é ociosa, mas outro médio, ou fonte informativa, para aquilo que supera a pura razão. [Raña, sn]

Sobre o conteúdo mais geral da obra podemos afirmar que nela Abelardo trata do problema da dialética fé e razão, chave da filosofia medieval, mediante o diálogo intercultural. Os principais temas tratados são: a razão, o

bem supremo, a autoridade, a circuncisão, a intenção, a lei, a dialética e as virtudes. Basicamente a obra pode ser dividida em duas: primeiramente o diálogo entre o filósofo e o judeu e em segundo lugar o diálogo entre o filósofo e o cristão.

Como bem e assinalado na primeira nota de rodapé da edição espanhola do Diálogo, a atitude e as palavras do filósofo mostram com clareza a atitude e o pensamento que o próprio Abelardo tinha no referente às relações entre Fe e razão. Estas podem ser agrupadas em quatro itens. [Abelardo p. 84]

- 1) Não se pode assumir um credo religioso sem um prévio discernimento racional.
- 2) A razão é capaz de julgar sobre a superioridade de um credo respeito a outro segundo harmonize mais ou menos com a evidencia racional.
- 3) A razão acaba reconhecendo seu limite e a superioridade da revelação cristã para fundamentar amoral e dar sentido a existência
- 4) O conteúdo da fé não pode ser entendido como um sistema de evidencias racional, porém somente pode ser aceito enquanto não seja contraditório com a razão e em mira a superioridade a se refere.

Estes quatro pontos servem bem como conclusão. Espero ter mostrado, embora brevemente, de que o tema do diálogo entre culturas foi um tema tratado numa obra medieval. Este tema não era somente uma preocupação dos filósofos cristão, mas também de árabes e judeus.

Na época em que Abelardo escreveu o Diálogo muitos filósofos aspiravam ao “pensamento autônomo”. O Diálogo deve ser entendido sob esse transfundo histórico cultural.

O Diálogo adquire muita maior importância se se considera que era uma época de cruzadas e a perseguição dos judeus. Por isso para Abelardo era importante o diálogo, especialmente numa época em que religião e cultura se

uniam de uma maneira quase que indissociável. E as guerras político religiosas eram frequentes.

Para finalizar somente quero acrescentar que espero numa próxima oportunidade poder analisar um pouco melhor o conteúdo do livro, pois agora só nos centramos principalmente no prefácio.

Esta obra escrita por Abelardo no fim de sua vida foi uma espécie de grande encerramento de sua vida e de sua labor como filósofo e reafirma o lugar de Abelardo entre os grandes pensadores medievais, e se consideramos seus aportes no âmbito da ética, da lógica e, neste caso, da cultura, sua importância atravessa os séculos e fazem dele um homem capaz de dialogar com o século XI.

Bibliografia:

ABELARDO, Pedro. Diálogo entre um filósofo, um judio y um Cristiano. Traducción y orientación didáctica de Anselmo Sanjuan y Miquel Pujadas. Zaragoza: Yalde, 1990.

RAÑA DAFONTE, César. El diálogo entre culturas: el caso medieval. (Texto recebido pessoalmente do professor Raña na Universidade de Santiago de Compostela. Texto impresso de computador, sem indicações de edição)